

NOTICIÁRIO

FAZENDA DO VALE DO PARAÍBA
TRANSFORMA-SE EM PÁTIO DAS ARTES

Primitivo engenho de açúcar na segunda metade do século XVIII, a Fazenda Boa Vista, em Roseira Velha, município de Roseira, SP (km 78,5 da Rodovia Presidente Dutra), transformou-se no século passado, em fazenda produtora de café, tendo pertencido a tradicionais famílias de Guaratinguetá e Roseira (Guimarães, Galvão de França, Monteiro dos Santos). Na primeira década deste século, entrou em decadência, acompanhando a crise econômica e demográfica que assolou toda a região do Vale do Paraíba, tendo sido comprada pelo francês Alfredo José Trannin, avô materno do atual proprietário, com a finalidade de introduzir a cultura pioneira de arroz nas várzeas e a criação de gado para produção de leite nos morros erodidos pelo café. Da casa-grande, construída em 1858 e demolida em 1955, restaram as senzalas, as telhas de armazenar café e algumas dependências domésticas, com as paredes externas construídas em taipa de pilão, as internas em taipa de mão ou "so-papo" (pau-a-pique), as janelas gradeadas, o telhado coberto com telhas de "canal" e madeiras de lei, originárias das matas da própria fazenda. Permanece também, parte do antigo terreiro de secar café, resistindo ao tempo com seus ladrilhos originais de cimento. O velho tanque de pedra onde as negras lavavam a roupa da casa-grande, os alicerces dos antigos muros e o forno de barro para assar pães, leitoas, broas, biscoitos. Da casa-grande restou o "salão das moças" ou "salão íntimo", o gineteiro, onde as mulheres brancas faziam as suas refeições quando havia estranhos na casa e dirigiam os serviços das escravas domésticas. Este salão ainda possui as janelas de guilhotina, o assoalho de pinho de Riga e as velhas telhas coloniais. A casa é mobiliada e decorada com móveis, louças, quadros, porcelanas e objetos que pertenceram aos antigos proprietários e a Família Trannin-Pasin. A vegetação, o pomar e o jardim constituem uma amostra da exuberância da flora veleparaibana e brasileira. Em 20 de março de 1978, por decreto do Governo Federal, a Fazenda Boa Vista foi transformada em "refúgio de animais nativos" e, conseqüentemente, numa reserva ecológica, sob a proteção do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal.

Paralelamente, foi criado na sede da fazenda, no local ocupado pelas antigas senzalas, um teatro com 100 lugares e um salão para conferências, projeções de cinema e exposições, dependências estas que passaram a ser conhecidas como "Pátio das Artes". Transformado em associação cultural, sem finalidade de lucro, o "Pátio das Artes" reúne, periodicamente, artistas, professores, ecologistas, estudantes, pesquisadores, escri-

tores, jornalistas, poetas e pessoas interessadas para o lançamento de livros, apresentação de peças teatrais, debates e exposições de arte. Criado para ser um centro aglutinador da cultura valeparaibana, o "Pátio das Artes" tornou-se também um centro de convergência do movimento ecológico da região.

*

PADRE CAFÉ, TEMA DE LIVRO

Padre Venâncio na Terra e no Espaço é o título de um livro de Marina Aparecida Timponi, publicado no ano passado em Juiz de Fora. Trata-se da biografia do sacerdote Venâncio Ribeiro de Aguiar Café, natural de Guanhães, no nordeste de Minas, tendo vivido grande parte de sua vida em Juiz de Fora, onde morreu.

Na apresentação ao leitor, a escritora comenta: "Iniciada a pesquisa, à proporção que as informações eram colhidas, ia-se confirmando, num crescendo, toda a beleza e todo o mérito da personalidade do Pe. Venâncio Café, que, por onde andou, só deixou marcos de luz, através de seu trabalho consciente, semeando o progresso moral, material e, acima de tudo, espiritual. Possuindo o dom da palavra, ele contribuiu para o desenvolvimento em todos os sentidos do Nordeste de Minas. Após esse período, veio para Juiz de Fora distribuindo ensinamentos e numa atividade incessante de espírito cristão. Era conhecido como Padre Café, razão do nome dado à rua existente em São Mateus".

Padre Café iniciou seus estudos em sua terra natal, matriculando-se depois nos tradicionais seminários de Diamantina e do Caraça. Ao término do curso, recebeu o sacramento da Ordem, tendo sido vigário da Freguesia de Nossa Senhora do Porto, onde permaneceu durante três anos. Sabe-se que se ordenou em Diamantina, em junho de 1873. Doutorou-se em Roma e regressando ao Brasil fundou em Guanhães, em 1879, o Colégio São Miguel, tendo construído, para o educandário, na rua Catagalo, um prédio de dois andares que depois passou a ser o solar da família Café, e ultimamente serviu para nele ser instalado o Hospital Imaculada Conceição, até 1964.

Orador eloqüente, Padre Café foi eleito deputado provincial em 1880 pelo Partido Liberal, com grande atuação no Congresso mineiro, em Ouro Preto. Em Belo Horizonte ainda moram parentes do Padre Café que guardam um livro com seus discursos e projetos proferidos e elaborados quando deputado do nordeste mineiro, bem como uma coleção do **Lar Católico**, jornal fundado por ele em Juiz de Fora, hoje editado pelos padres da Congregação do Verbo Divino e divulgado e conhecido em todo o país e até no exterior.

Aos 45 anos, isto é, em 1891 assumiu a paróquia da cidade de Juiz de Fora, onde foi pastor zeloso até 1898, ano de seu falecimento.

*

CENTENÁRIO DE JÚLIO PRESTES

Júlio Prestes de Albuquerque, filho do Coronel Fernando Prestes de Albuquerque, nasceu em Itapetininga, aos 15 de março de 1882. Após terminar os estudos secundários, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, concluindo o curso em 1906. Em 1909, eleito deputado estadual, e reconduzido, sucessivamente, até 1924, quando foi conduzido à Câmara Federal. Na Câmara paulista teve atuação destacada, sendo escolhido para líder do Governo. Dentre as campanhas que promoveu, destaca-se a que culminou com a volta da Estrada de Ferro Sorocabana à propriedade do Estado, que a havia arrendado a um consórcio estrangeiro.

Na Revolução de 1924 teve participação ativa na organização da resistência contra os revoltosos. Nessa altura, já deputado federal, fez, na tribuna da Câmara, a defesa do Governo de São Paulo, rebatendo as acusações infundadas que lhe eram feitas por membros da oposição.

Com a eleição de Washington Luís à presidência da República, Júlio Prestes foi reconduzido à liderança da bancada do Governo, funções que exercia desde 1925. Nessas funções, coube-lhe o encargo de apresentar e defender o plano financeiro de Washington Luís, missão que desempenhou com êxito.

Em 1927, com a morte do presidente do Estado, Carlos de Campos, foi Júlio Prestes eleito para completar-lhe o mandato, e assumindo o governo a 14 de julho daquele ano, realizou uma das mais profícuas administrações com que nosso Estado contou.

No campo da saúde pública, deu o mais eficiente e adequado combate ao maior flagelo que, na época, assolava o interior de São Paulo, a lepra. Concluiu o Sanatório Santo Ângelo e construiu os de Aimorés, Cocais e Pirapitingüi. Desenvolveu, igualmente, campanha contra a tuberculose, então moléstia gravíssima, de cura muito difícil e que afetava grande parte da população. Preocupado com a situação ecológica do Estado, já naquela altura vítima do desmatamento desordenado, cuidou de preservar as cabeceiras de nossos rios. Interessado em desenvolver nossa principal fonte de riqueza, deu grande amparo à agricultura e incrementou os meios de transportes. Ampliou a Escola "Luís de Queirós"; incentivou a policultura mediante o plantio do algodão, da laranja, do fumo, do trigo; criou o Instituto Biológico. O Parque da Indústria Animal, na Água Branca (Capital) é igualmente obra sua. Deve-lhe São Paulo, ainda, a construção

do edifício da Faculdade de Medicina (que não chegou a inaugurar) e a aceleração das obras do Palácio da Justiça, entre outras.

No campo da viação, além de ter dado incremento à abertura de estradas de rodagem, fez abrir o ramal Mairinque-Santos, da Sorocabana, que iria quebrar o monopólio da São Paulo Railway na ligação do interior com o nosso porto de mar, escoadouro único do café aqui produzido.

Para o quadriênio 1930/1934 foi Júlio Prestes escolhido candidato oficial. Embora vitorioso nas eleições, não chegou a assumir o governo, pois a deflagração da Revolução de 1930, além de obstar sua ascensão à presidência, acarretou-lhe exílio em Portugal, juntamente com outras figuras de destaque da situação deposta. Em 1932, eclodida a Revolução Constitucionalista, Júlio Prestes deslocou-se para a Argentina com o objetivo, segundo consta, de participar da luta contra a ditadura. Não teve oportunidade de se engajar na luta em face da derrota das forças constitucionistas.

Promulgada a Constituição de 1934, regressou ao Brasil, refugiando-se em sua fazenda de Itapetininga, onde se entregou a atividades agrárias.

Sua última aparição pública, de cunho político, foi a participação saliente durante a campanha eleitoral em favor da candidatura de Eduardo Gomes à presidência da República, proferindo discurso no comício levado a efeito no Estádio Municipal do Pacaembu, na capital paulista. Faleceu Júlio Prestes, em São Paulo, a 9 de fevereiro de 1946.

*

AS DUAS ALEMANHAS SE UNEM PARA FESTEJAR O SESQUICENTENÁRIO DA MORTE DE GOETHE

(...) As duas Alemanhas festejaram, de mãos dadas, o poeta Goethe. E o lado ocidental procura fazer dele um símbolo de nacionalidade única da Alemanha, apesar da divisão territorial.

O poeta se presta como ninguém a tal papel: nascido em Frankfurt, no território da atual República Federal da Alemanha, Goethe viveu a maior parte de sua vida em Weimar, no território da atual República Democrática Alemã. A questão geográfica, porém, ainda não é tudo. Goethe jamais foi um político e embora seus escritos revelem análise crítica da sociedade em que vivia, ele nunca se envolveu em tentativas práticas de transformá-la. Desta forma, o poeta não traz em si o estigma da rebeldia, nem a sobrecarga da profissão ideológica. Nunca ocorreria a qualquer alemão, seja ele ocidental ou oriental, elevar Heinrich Heine, por exemplo, à categoria de poeta de todos os alemães. Heine, um rebelde,

choca ainda hoje os alemães, por seu desrespeito às normas de submissão ao Estado e subserviência ao Poder, enfim, por não partilhar do respeito à autoridade, que parece ser uma das características mais marcantes do povo alemão.

Goethe, ao contrário, não revela nenhum desafio à ordem. Prega a tolerância e a compreensão no lugar do fanatismo — figura ideal para um símbolo cultural nacionalista da Alemanha como um todo. Contudo, Goethe não conheceu a Alemanha unificada como único Estado. Isto só aconteceu por intermédio de Bismark, anos depois de sua morte. Como “pátria”, Goethe referia-se sempre à cidade de Frankfurt. E o sentimento nacionalista, com o qual se armam freqüentemente os defensores da reunificação da Alemanha, não encontra apoio no maior clássico alemão: para Goethe, o nacionalismo só serve para estragar a história. Uma verdade que os políticos alemães já deveriam ter aprendido das catástrofes chamadas guerras mundiais”.

(“O Estado de S. Paulo”, 30-3-1982)

*

*

*